

- IV -

GESTÃO ESCOLAR: O DESAFIO DE ENFRENTAR A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA MATA CENTRO DE PERNAMBUCO

Ana Maria Xavier de Melo Santos

Gerência Regional da Mata Centro
Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil
Mestre em Educação pela UFPE
annaxavyer@hotmail.com

Aurikelly Alves De Paiva

Técnica de Língua Portuguesa – GRE Mata Centro
Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil
Mestre em Ciências da Linguagem pela Unicap
aurikelly_alves@hotmail.com

Introdução

Este artigo tem por objetivo investigar como o/a gestor/a define a questão da “violência na escola”, bem como qual forma de violência predomina nas escolas que compõem a regional Mata Centro do Estado de Pernambuco, ressaltando esta concepção na resolução dos conflitos.

Para a finalidade utilizamos como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa (AD) que nos permitiu uma interpretação das Formações Discursivas considerando o sujeito interpelado pela história e pela ideologia. O *corpus* foi constituído a partir de entrevista semiestruturada aplicada aos sujeitos da pesquisa, gestores das 33 escolas de 13 municípios diferentes do estado de Pernambuco. Os resultados apontam para necessidade de alinhar os conhecimentos acerca da violência e como intervir nos tipos de violências praticados *na* escola, *à* escola e *da* escola, distinção feita por Bernard Charlot e publicada em 2002.

Desenvolvimento

A violência no contexto escolar

A violência que acontece no espaço escolar merece espaço nas discussões e debates acadêmicos, pois a comunidade escolar precisa de intervenções eficazes. Corroborando Chrispino (2007), observamos os acontecimentos violentos que se repetem nos diversos pontos do país, expondo uma dificuldade

brasileira pela qual já passaram outros países, o que seria, por si só, um convite para a reflexão de educadores e de gestores políticos.

Alguns teóricos apresentam conceitos e até caracterizam a violência relacionada à escola, leituras de produções científicas de autores, como: CHARLOT (2002), BOTLER (2016), ALVES (2016) CHRISPINO (2007) foram realizadas para fundamentar a pesquisa. Em Botler (2016), as violências podem se materializar como ações autoritárias de uma parte, agressão física ou verbal, intenção de destruição ou prejuízo ao outro, o que nem sempre se circunscreve ao âmbito escolar, havendo mesmo a necessidade de apelo a agentes sociais da segurança pública.

Além de entender o que é violência é preciso entender que ela vai se apresentar no âmbito escolar de várias formas, Charlot (2002 p.434), as classifica como: violência *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola. Quando uma equipe gestora compreende e identifica o problema da violência escolar, pensa e traça ações para resolvê-lo, oferece ao professor e ao estudante meios de abrandar as situações conflituosas.

A seguir, faremos uma análise das formações discursivas que surgiram com maior frequência nas respostas dos entrevistados para dois questionamentos: “O que você compreende por violência escolar?” e “Quais encaminhamentos tomados pela equipe gestora?”.

A formação discursiva, doravante FD, tem função de mediação e nela podemos entender os diferentes sentidos, palavras iguais podem ter sentidos diferentes. A FD é segundo Orlandi (1996, p.21) “o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia”.

Análise de dados

Compreensão referente à violência escolar:

O conceito de que violência são as *agressões verbais e físicas entre as pessoas da comunidade escolar* corresponde a 22% das respostas. “*Bullying, brigas, discussões, insultos com funcionários e professores*” segue com 12% e mostra o *bullying* como forma de violência, corroborando a primeira formação discursiva, que relaciona violência a agressões verbais e não verbais.

Em 2016 foi instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) através da Lei nº 13.185, que classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

Em seguida vale ressaltar que 17% dos entrevistados compreendem violência como “*o que afeta negativamente a instituição seja na depredação predial ou nas relações interpessoais*”. Os que chegaram a esta conclusão incluíram o espaço físico como alvo de violência. Para Bernard Charlot (2002, p. 439), fontes

de tensão estão diretamente ligadas ao estado da sociedade e do bairro. Quando o próprio bairro é presa da violência, é maior a probabilidade de que a escola seja atingida por essa violência.

Outros 10%, conceituam em suas FDs que “*Violência são os atos no interior da escola que acarretam agressões físicas, morais, discriminação, preconceito ou exclusão*”. Este último levantou uma reflexão sobre o que as minorias enfrentam no convívio escolar, é o caso dos que sofrem preconceito e/ou são excluídos por pensarem e/ou agirem diferente da maioria.

Já 12% disseram ser *os atos que causam danos morais e psíquicos*. Deixando de lado a violência cometida contra a integridade física e as que ferem a instituição, tanto no corpo de profissionais quanto a sua estrutura. De maneira discreta, alguns conceitos como: *Transgressão aos direitos humanos; Uso de entorpecentes/drogas; Violência verbal, pelas redes sociais, fisicamente e psicologicamente; Todo ato contrário às normas estabelecidas; Ato físico, verbal discriminatório que leva educandos e educadores ao constrangimento e frustração*; sugeriram nos discursos dos entrevistados com percentuais de 2%, equivalente a resposta de apenas um sujeito.

Encaminhamento da instituição escolar

Os sujeitos entrevistados têm utilizado o *diálogo com os envolvidos* e o *diálogo com os responsáveis*, conforme mostram os dados, 28% e 25% respectivamente. Há gestão que além de fazer um processo reflexivo com estudantes e pais, inclui o professor no processo dialógico, o que corresponde a 3% dos entrevistados.

Houve um percentual de 14% de respostas que, além de dialogar com os responsáveis, acionam outros órgãos para proceder com a resolução do problema com a violência, a FD onde foi possível constatar foi na que diz *Comunicação aos pais, Conselho Tutelar e/ou Polícia Militar*.

Na verdade, estas ocorrências podem (ou não) ser comunicadas por cada organização escolar a instâncias externas, tendo em conta preocupações específicas. A comunicação deste tipo de situações, por vezes, pode ser um meio para solicitar ou justificar medidas de ação e apoios para a intervenção na organização escolar em causa, mas, outras vezes, é evitada com a finalidade de assegurar uma imagem positiva da escola. (Alves, 2016 p.599)

Por este motivo, muitas escolas preferem resolver o assunto internamente e para prevenir uma imagem negativa perante a sociedade acaba resolvendo de forma paliativa.

As FDs que tiveram menos incidência nos discursos foram: *anotações no livro de ocorrência; palestras e debates; reparação de dano*.

Conclusão

Durante a entrevista e na análise de dados, constatamos que há violência na escola e é preciso que o gestor se posicione em relação ao assunto. A análise das concepções que os gestores escolares

apresentam sobre violência nos leva a conjecturar que podemos nos aprofundar e conhecer mais a respeito do tema, bem como a respeito da natureza dessa violência e de possíveis formas de tratamento.

Ressaltamos o papel do gestor na mediação de conflitos, uma vez que harmonizar e incentivar a participação dos profissionais da educação em projetos de intervenção será o diferencial de sua equipe. Ficou claro que urge a necessidade de se traçar estratégias e assim envolver todos no processo de construção do *aprender a conviver com o outro*, professor, estudantes, comunidade, família e demais profissionais da educação alinhados em um só propósito.

Referências

ALVES, Mariana Gaio. Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional. Caderno de Pesquisa. 2016, vol.46, n.161, pp.594-613.

BOTLER, Alice Miriam Happ. Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife. Cadernos de Pesquisa v.46 n.161 p.716-732 jul./set. 2016.

BRASIL. Presidência da República. LEI Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). D.O.U. DE 09/11/2015. Brasília, 2015.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologia, ano 4, n.8, p.432-443, jul/dez.2002.

CUBAS, Viviane. Violência nas Escolas: como defini-la? In: Violência na Escola: um guia para pais e professores. Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas. – São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CHRISPINO, Álvaro; Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação; Rio de Janeiro, v. 15, 2007.

ORLANDI, E. P.. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2000.